



NO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

DIRIGENTES DO PARTIDO REGRESSAM AO PAÍS

Regressou ontem a Bissau a delegação que representou o nosso país nas comemorações do primeiro aniversário da independência de Cabo Verde. A delegação era chefiada pelo camarada Umarú Djaló, do CEL, vice-presidente do Conselho de Estado e Chefe do Estado-Maior das FARP. Faziam parte dela, Constantino Teixeira, do CEL e Comissário de Estado da Segurança Nacional e Ordem Pública e esposa, e Joaquim Montam Biaguê, comandante militar adjunto da Região de Bafatá.

Voltou igualmente ao nosso país, o camarada Lourenço Gomes, do Comité Executivo da Luta do Partido e Inspector Nacional da Polícia e Ordem Pública, que se tinha deslocado ao país irmão em visita de trabalho.

CARMEN PEREIRA

Após algumas semanas de ausência, regressou ontem a Bissau a camarada Carmen Pereira, do Comité Executivo da Luta do Partido e Presidente da Comissão Feminina do PAIGC, que se tinha deslocado à República Democrática Alemã, a convite da Organização das Mulheres desse país amigo, com quem mantemos laços de cooperação desde os primeiros anos da nossa luta armada de libertação nacional. Carmen Pereira tinha viajado acompanhada pela directora do Instituto Amizade e membro da Comissão Feminina do PAIGC, Lílca Boal.

JOSEPH TURPIN

Chegarão também a Bissau os camaradas Joseph Turpin, membro do Conselho Superior da Luta do Partido e secretário-geral do Comissariado dos Negócios Estrangeiros, e Abubacar Turé, Director-geral dos Assuntos Jurídicos e Consulares e dos Organismos de Cooperação.

Integravam a delegação do nosso país, chefiada pelo camarada Victor Saúde Maria, Comissário dos Negócios Estrangeiros que, visita agora alguns países africanos, após ter participado na última sessão dos trabalhos do Conselho de Ministros e na cimeira de chefes de Estado, da O.U.A.

MANUEL BOAL

Vindo de Paris, onde foi submetido a duas intervenções cirúrgicas, regressou igualmente a Bissau o camarada Manuel Boal, secretário-geral do Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais. Ele havia participado anteriormente numa reunião da Organização Mundial da Saúde.

MERCENÁRIOS

PRESIDENTE AGOSTINHO NETO CONFIRMA PENAS DE MORTE

LUANDA (AFP) — O Presidente Agostinho Neto de Angola confirmou ontem as

POR FALTA DE TEMPO PARA PREPARAÇÃO

O III CONGRESSO DO P. A. I. G. C. NÃO DEVE REALIZAR-SE ESTE ANO

«O III Congresso do PAIGC já não deverá realizar-se este ano», anunciou ontem o camarada Vasco Cabral, do Comité Executivo da Luta do Partido, no seu regresso a Bissau. Juntamente com os camaradas José Araújo, do CEL

e Julinho de Carvalho, do CSL, tinha-se deslocado a Cabo Verde a fim de discutir, com o Secretário-Geral e outros dirigentes, a marcação da data da reunião do Conselho Superior da Luta que, por sua vez, convocará o III Congresso.

«O Congresso», disse Vasco Cabral, tem de reunir-se com bases sólidas e, portanto, não deverá ser efectuado este ano, pois não há tempo para o preparar como pretendemos. Pensamos que não deveremos precipitar a sua realização, porque é necessária uma preparação segura. Os princípios do Partido devem estar bem implantados entre as massas

populares, contribuindo para o reforço do trabalho político e ideológico».

A reunião do CSL terá lugar no fim do mês de Agosto, pois também ela tem de ter cuidadosa preparação, acrescentou Vasco Cabral, revelando que foram discutidos também problemas relacionados com a concretização do princípio da Unidade Guiné-Cabo Verde.

Sobre a situação no país irmão, após um ano de independência, disse que «o trabalho político foi positivo, embora haja ainda muita coisa a fazer, muitas dificuldades a vencer, muitos erros a corrigir».

IKO CARREIRA:

"TEMOS CONTRA NÓS REACCIONÁRIOS E FANTOCHES"

(CENTRAIS)

MOÇAMBIQUE: METICA SERÁ A NOVA MOEDA

MAPUTO — A nova unidade monetária moçambicana — a Metica — deverá ser posta em circulação durante o mês de Agosto, substituindo o Escudo emitido pelo Banco Nacional Ultramarino. Não é ainda conhecida a paridade valor oficial em termos de ouro da Metica, nem em que zona monetária se integrará.

As novas notas moçambicanas foram impressas no Canadá e as moedas cunhadas num país socialista.

A Metica, oriunda dos árabes, era uma pequena barra em ouro usada na costa oriental africana como moeda durante o período anterior à colonização portuguesa.

quatro condenações à morte pronunciadas em 28 de Junho último pelo Tribunal Revolucionário Popular angolano, que tinha julgado 13 mercenários.

Foi num breve comunicado, que ele mesmo leu aos microfones da radiodifusão angolana, que o Presidente Neto revelou que confirmava as condenações à morte pronunciadas contra Costa Georgiou, dito «coronel Callan», britânico de 25 anos, Andrew Gordon McKenzie, britânico de 25 anos, Daniel Francis Gearhart, americano de 34 anos, e John Derek Barker, britânico de 35 anos.

A data em que os condenados serão executados não foi revelada. A pena de morte é aplicada em Angola por fuzilamento.

ARMANDO RAMOS NA ARGÉLIA

A convite do ministro argelino do Comércio Layachi Yaker, encontra-se na Argélia, o camarada Armando Ramos, do Conselho Superior da Luta do Partido e Comissário de Estado do Comércio e Artesanato.

O Comissário do Comércio discutirá com as autoridades argelinas as relações comerciais e de cooperação económica entre os dois países. Depois seguirá para Paris, onde estabelecerá contacto com algumas firmas francesas com as quais temos relações.

PRESIDENTE ARISTIDES PEREIRA:

"A NOSSA REVOLUÇÃO COMEÇOU DA MELHOR MANEIRA"

PRAIA — (Dos nossos enviados especiais) — «Podemos dizer que fizemos já uma revolução em Cabo Verde, porque conseguimos em pouco tempo uma destruição total do sistema colonial, que era baseado na existência de uma elite caboverdiana», afirmou o camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do P.A.I.G.C. e Presidente da República irmã, no decorrer de uma conferência de Imprensa efectuada na terça-feira à tarde no Palácio da Presidência.

Durante quase uma hora, o Presidente da República de Cabo Verde respondeu à curiosidade dos jornalistas, que o interpelaram quer sobre problemas especificamente caboverdianos, quer sobre questões da actualidade internacional e, particularmente, africanas.

Na véspera, durante o discurso pronunciado no Estádio da Várzea, no decorrer do comício comemorativo do primeiro aniversário da independência do País, o camarada Aristides Pereira expôs largamente as realizações efectuadas desde que o PAIGC tomou conta da administração de Cabo Verde, e aquilo que ficou por fazer, devido às inúmeras dificuldades encontradas. No encontro com os jornalistas, o Presidente da República de Cabo Verde disse que a maior dificuldade que se impôs à equipa governamental durante este primeiro ano «resultou da situa-

ção de crise que herdámos e particularmente do problema do desemprego e sub-emprego, que adveio principalmente da suspensão das chamadas verbas de apoio, que eram mantidas pelo regime colonial».

Estas verbas, precisou «impli-cavam um enorme dispêndio mensal e causaram grandes males à população, por todos os vícios e pelo artificialismo que caracterizavam esse apoio».

«Foi essa a nossa maior dor de cabeça», sublinhou o camarada Presidente, para acrescentar que em algumas ilhas se conseguiu a reconversão do sistema de apoio, mas que noutras, e particularmente em S. Vicente e Santo Antão, «temos ainda problemas particularmente sérios relacionados com esse desemprego». Tais problemas, acrescentou, foram ainda agravados pela vinda

(Continua nas pág. centrais)

Mansoa Criado Tribunal popular em Luanda

A população de Luanda, sector de Mansoa, reuniu-se sexta-feira passada para a formação de um tribunal popular. Os trabalhos foram dirigidos pelo camarada Vicente Monteiro, responsável pela justiça na região de Qio. Depois, foram discutidos vários problemas relacionados com as bolanhas e com o gado solto que danifica as plantações.

Nesse mesmo dia, em Cutia, outro sector de Mansoa, a população também se reuniu, dirigida pelo comissário político local, para discutir a necessidade de intensificar o trabalho agrícola e receber esclarecimentos sobre o pagamento da quota do Partido.

Centro de Cooperação Pedagógica ensina francês para guineenses



Com uma recepção oferecida antontem à tarde pela embaixada francesa no nosso país, foi inaugurado o novo Centro de Cooperação Pedagógica, na Avenida Domingos Ramos, em Bissau. Além do embaixador francês, Maurice de la Chevalerie, encontravam-se presentes os camaradas Mário Cabral, comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura, Adelino Nunes Correia, comissário de Estado da Juventude e Desportos e mais cerca de 50 convidados.

O objectivo do Centro, segundo os responsáveis, Alain e Michelle é ensinar, com um método moderno, a língua francesa aos guineenses, no seu próprio país. Isso facilitará a formação de quadros docentes. Não será preciso ir ao estrangeiro, meses e meses, para fazer uma formação linguística, todos poderão trabalhar para o país enquanto estudam. Quando tiverem que fazer um curso de formação técnica que o Centro não possa proporcionar, se estiverem aptos, poderão beneficiar-se de uma bolsa para a França.

O Centro faz parte do serviço cultural da Embaixada da França. Está equipado com um laboratório de língua com 24 cálines, três salas de aula que podem ser ocupadas por 18 alunos de cada vez. Quando se aprende uma língua é necessário um número reduzido de alunos em cada sala para todos poderem falar. Também há uma biblioteca com 2600 volumes onde as pessoas poderão ler e consultar livros, obras e enciclopédias. Alain Bertheiot: *Fara fazer um bom ensino desta língua, é preciso termos muita experiência e material pedagógico moderno. Se os alunos vierem regularmente tenho a certeza que será um sucesso. Nós vamos dar aos guineenses as armas que necessitam da língua francesa para comunicar com os seus vizinhos e com vários países da Europa, porque o francês é uma língua internacional que deve servir aos guineenses.*

O Centro começa a funcionar no próximo dia 15 de Julho e as inscrições iniciarão na segunda-feira. É por intermédio do Centro de Cooperação Pedagógica que a Embaixada francesa passará a distribuir todas as bolsas de estudo aos guineenses. Além disso vão organizar vários cursos de todos os níveis: de francês geral, de francês mais especializado e francês comercial.

Mansabá

Realizou-se na sexta-feira passada em Mansabá, uma reunião presidida pelo presidente do Comité de Estado do sector de Mansabá-Olossato, com o objectivo de decidir a melhor forma de proceder à divisão dos géneros alimentícios às populações.

RESPONDE O POVO

Como ajudar o País a diminuir as importações?

Um país que ainda não possui indústrias e nem uma agricultura desenvolvida, liberto há pouco da exploração colonialista, tem, geralmente, uma série de dificuldades económicas que se prolongam por algum tempo. É preciso importar toneladas de produtos estrangeiros para o consumo da população. Essa importação custa dinheiro, são divisas que saem do nosso país para o estrangeiro. A população da Guiné-Bissau sabe o que significam exactamente as importações e o peso que têm para o nosso Estado? De que forma as pessoas acham que poderiam auxiliar o País a progredir e exportar tanto quanto importa?

José dos Santos Pereira, 26 anos, funcionário público: «A importação é um peso enorme para o Estado, na medida em que origina a saída de divisas, agravando mais ainda a situação económica de um país. Penso que ela deve ser limitada, na sua maior totalidade, apenas aos géneros alimentícios de primeira necessidade, em detrimento dos outros produtos. Isto, enquanto o nosso país não estiver ainda auto-suficiente, pois estamos numa fase inicial da nossa independência.

«Só um trabalho político desenvolvido entre as massas poderá aliviar o nosso Estado desse peso. Aliás, isso tem acontecido sempre e penso que a maior parte da população tem consciência disso, porque sentiu na sua própria carne as consequências que a luta de libertação nacional lhes impôs. Geralmente a minoria que cada vez mais é formada por pessoas que não participam na reconstrução nacional, pois não têm a consciência das dificuldades que o país atravessa no momento actual e qual a contribuição que devemos dar para levarmos a cabo esta tarefa.

«Mesmo sendo o nosso Estado ainda jovem, sem infraestruturas, e sem indústrias, contando sobretudo

com o esforço de todos nós e com a ajuda dos países, amigos, durante esta fase de luta, espero que daqui a uns anos tenhamos aumentado a nossa economia. Isso, não só com o esforço do Estado, mas de todo o povo.

«Independentemente da ajuda dos países amigos, a importação tem sido maior que a exportação, o que constitui uma dificuldade grande para a nossa economia. A única forma de ajudarmos o nosso país a progredir economicamente é trabalhar cada vez mais, participar mais para exigir mais».

Albino Mendonça, 30 anos, empregado comercial: «Da minha parte e para o bem do nosso povo, acho que devemos dar todo o auxílio ao Estado no sentido de diminuir as importações. Penso que para o Estado estar sempre a mandar vir coisas para a nossa terra, arroz, óleo e outros produtos, é um pouco vergonhoso para nós, na medida em que na nossa terra também se pode produzir tudo isso. Devemos todos trabalhar na agricultura na medida do possível a ver se aumentamos a produtividade pelo menos dos géneros alimentícios de primeira necessidade, o arroz e a mancarra.

«Sem a mancarra, não te-

mos óleo, sem o arroz não temos que comer. Portanto, camaradas, todos ao trabalho agrícola. Devemos ajudar o nosso Estado no aspecto económico, aumentando os produtos para nosso consumo, para que possa diminuir a importação. Tanto a importação como a exportação, isso depende das possibilidades económicas do Estado. Nós é que devemos pegar com as nossas mãos para trabalhar, evitando assim despesas ao Estado e ajudando-o ao mesmo tempo economicamente».

Flávio da Silva, 25 anos, professor do ensino primário: «Acho que a solução ideal no que diz respeito ao arroz é criar uma certa consciência entre o povo. Isso, no sentido de desenvolver a nossa cultura de arroz o que, certamente, pode resolver os problemas de consumo e até de exportação.

«Creio que grande parte da população, apesar do Estado e o Partido terem feito muito para a consciencialização de todos sobre os problemas essenciais da vida nacional, não se absorve na análise desses problemas. As dificuldades impostas pelo dia a dia não lhe permitem pensar nessas implicações mais amplas. Mas, com mais um esforço nesse sentido, não tenho dúvidas que a população ultrapassará esta fase de pensar só nos problemas particulares. Numa nova fase, analisará os problemas em termos de solução para o País».

NO PINTCHA

Órgão do Commissariado de Estado de Informação e Turismo
Trissemestral Nacional de Informação.

Sai às Terças, Quintas e Sábados.

Preço: 2,50

Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3728

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400,00

6 meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

1 ano 500,00

6 meses 300,00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «HIGIENE» — Rua António N'Bana, telefone 2520.
AMANHA — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

SEGUNDA-FEIRA — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2888/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Radiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG_B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RADIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas:

NOTICIÁRIOS:

Às 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA

Às 18,45 horas.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — Às 13 h e 30 min. — «OS JOVENS GUERREIROS» — m/10 anos e às 20 h e 45 min. — «DUELO AO SOL» — m/14 anos.

SEGUNDA-FEIRA — Às 20 h e 45 min. — «MUITO OBRIGADO SR. SCROOGE» — m/10 anos.

CABO VERDE

5 de Julho comemorado em Lisboa

“Primeiro contamos com as próprias possibilidades”

A independência da República irmã de Cabo Verde foi também celebrada em Lisboa. As comemorações tiveram início no sábado, com uma tarde desportiva e uma sessão pública, à noite, na Reitoria da Universidade, onde falou o embaixador do país

Boavista

Participação popular da conservação da natureza

Em visita integrada nas comemorações da primeira semana nacional da Conservação da Natureza, esteve na Boa-Vista o camarada Emanuel Pereira, responsável pela região agrícola da Boa-Vista e Maio.

Durante a sua estadia na ilha, o camarada Emanuel Pereira realizou duas palestras: uma no norte e outra na vila de Sal Rei, abordando aspectos gerais e fundamentais da conservação da natureza, tendo chamado a atenção para o facto da conservação e desenvolvimento do património nacional serem tarefas que devem ser encaradas e resolvidas com larga participação popular. Nas referidas reuniões participou igualmente o camarada responsável político da ilha, Alcides Alfama, que apelou para a capacidade de organização do povo de Cabo Verde nesse trabalho básico da reconstrução nacional.

irmão em Portugal, camarada Corsino Fortes.

«Este é um dia importante para todos os caboverdianos, estejam eles onde estiverem espalhados pelo mundo. É também importante para o povo progressista de Portugal, assim como para todos os povos progressistas do Mundo», disse o camarada Corsino Fortes que leu e comentou, para centenas de caboverdianos algumas das últimas leis publicadas em Cabo Verde.

Segundo o «Diário de Notícias», que informa sobre as comemorações da independência, o camarada Corsino Fortes dissertou em seguida, sobre o desenvolvimento económico, social e cultural de Cabo Verde, ao longo deste primeiro ano de independência, afirmando:

«Se é verdade que somos pobres em riquezas naturais — não temos petróleo, nem ouro — também é verdade que o capital humano de que dispomos nos proporciona a certeza de que Cabo Verde conseguirá vencer as dificuldades de toda a ordem, herdadas do colonialismo, pelos seus próprios meios. Auxílios, só os queremos daqueles que estão verdadeiramente interessados na felicidade e prosperidade do nosso povo, e ainda na independência do nosso país, a qual nos custou tantos sacrifícios e tanto sangue. De qualquer forma, contamos primeiro com as nossas próprias possibilidades e só depois com a solidariedade dos outros».

MENSAGENS DO P.C.P.

Assinalando o primeiro aniversário

da independência de Cabo Verde o Comité Central do Partido Comunista Português, em telegrama enviado ao Conselho Superior de Luta do PAIGC e ao Presidente da República de Cabo Verde, «saúda fraternal e calorosamente o Conselho Superior de Luta do PAIGC e o camarada Aristides Pereira, Presidente da República de Cabo Verde» e também «todos os militantes do PAIGC e o povo caboverdiano». O Comité Central do PCP reafirma ainda a sua vontade de continuar o estreitamento de laços fraternais de amizade e solidariedade entre os dois partidos e «prossequir a acção de desenvolvimento das relações de cooperação entre Portugal e a República de Cabo Verde no interesse comum dos nossos dois povos».

Morés

Fogo destruiu oito casas

Um incêndio provocado por um homem não identificado destruiu oito casas em Morés, na quarta-feira passada, às 11 horas.

Professores e alunos do Internato Osvaldo Vieira e vários moradores da tabanca organizaram, em seguida, um trabalho voluntário para auxiliar os camaradas que ficaram sem casa, dando exemplo de solidariedade e militância.



Amílcar Cabral

O sistema feudal

[...] «Então, a pouco e pouco, com o avanço do regime da propriedade, com as terras pertencendo a certa gente, donos de escravos, passou-se para um novo tipo de sociedade que é o seguinte: Em vez de eu ter os meus escravos, vou libertá-los a todos, eles passarão a ser servos, quer dizer, trabalham um certo tempo para mim, durante o ano, mas vivem em sua casa, por sua própria conta, arranjam a sua comida, a sua roupa, criam os seus filhos, etc., mas ligados a mim pela servidão. Eu sou diferente deles, sou mais do que eles. Eu sou o senhor, eles são servos».

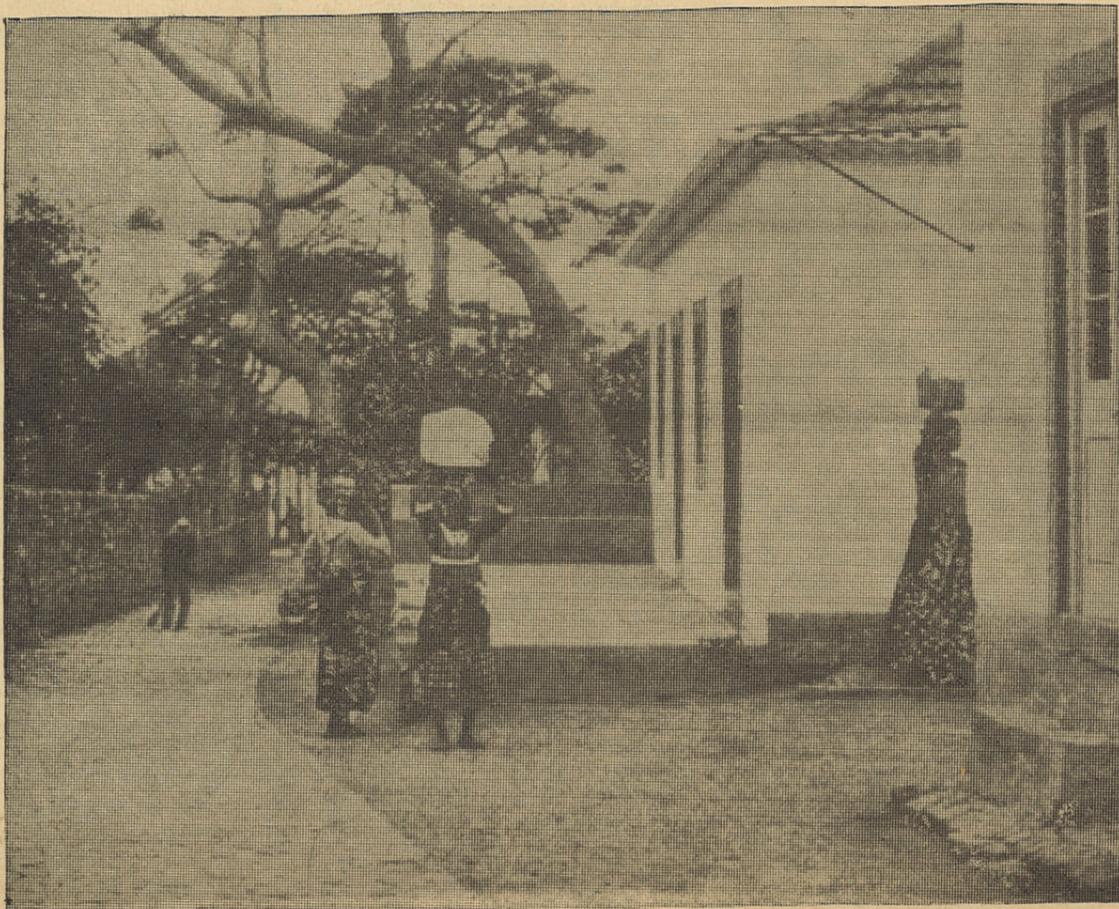
E os servos podiam ser de diversos níveis. Eu, por exemplo, podia ser um grande senhor, ter outros senhores abaixo de mim, que têm outros abaixo deles, e que depois então têm os servos que trabalham a terra, por exemplo. Esse novo sistema de sociedade, que saiu do sistema da escravatura, é o sistema feudal. Durante o sistema feudal que só na Europa, durou dez séculos, mil anos, (ainda hoje há restos do sistema feudal na Europa) várias coisas aconteceram na vida da humanidade, na vida das sociedades humanas.

Os meios de produção avançaram, o homem começou a avançar um bocadinho com a ciência, a conhecer mais a natureza, a dominar a natureza, e houve grande avanço na questão de trocas, troca de coisas. Eu produzo, por exemplo, sal, e tu produzes, suponhamos pano. Eu dou-te sal, tu dás-me pano; eu produzo algodão, tu produzes arroz, tu dás-me arroz, eu dou-te algodão. Troca. Mas o homem que é sempre inteligente, procurou a maneira de arranjar uma coisa que se pudesse trocar por todas as outras.

No começo, por exemplo, as conchas bonitas do mar, tinham muito valor para fazer ornamentos para as pessoas. Até hoje, ainda há povos, que para eles as conchas do mar são muito bonitas para fazer colares. Essas conchas do mar, seleccionadas, escolhidas como deve ser, quem as tivesse, podia trocá-las por arroz, sal, vacas, etc, porque com isso se podia obter outras coisas. Mais tarde, foi o próprio sal que serviu como meio geral de troca, porque todos os povos têm necessidade grande de sal. O sal tem sódio e algum iodo sempre, que são dois elementos importantes para a vida do homem, para o corpo do homem poder crescer. Então, a importância grande do sal, fez que toda a gente fizesse do sal um elemento de troca. Durante certo tempo, na vida de uma certa sociedade, quem tinha sal, tinha tudo o que precisava. Se precisava de roupa, dava sal e tomava roupa. Porque os outros também precisavam de sal, para trocar por outras coisas de que precisavam.

Tendo os homens avançados, no conhecimento dos metais, do ferro, do cobre, doutros metais, do bronze, estanho, etc., passou a fazer dos pedaços de metais, coisa boa para trocar por outras coisas.

Tudo aquilo que resulta do trabalho do homem, que tenha fabricado ele mesmo, ou que ele tenha colhido no mato, ou no seu campo de agricultura, e que serve para trocar com outras coisas, chama-se mercadoria. Até o homem já foi mercadoria, quando era escravo. Ora, toda a mercadoria que pode servir para trocar por qualquer outra mercadoria, chama-se moeda. A concha foi moeda, o sal foi moeda, a vaca ainda é moeda em África, para muita gente. Eu tenho a minha vaca, posso trocá-la por qualquer coisa.»



Um grupo de cinco jovens pioneiros pertencentes à Organização dos Pioneiros Abel Djassi partiu na quinta-feira passada para a República Democrática Alemã. São três rapazes e duas meninas do Jardim-Escola «Titina Silá» em Bissalanca e do Internato «Osvaldo Vieira» em Morés. Vão participar, do dia nove deste mês a 11 de Agosto, no campo de férias Ernst Thallmann, a convite da organização dos pioneiros daquele país. Neste campo reúnem-se crianças de todo o mundo, sob a palavra de ordem «Para uma infância feliz num mundo de paz».

Está incluída no programa uma «jornada de paz e de solidariedade anti-imperialista». No final haverá um seminário internacional de crianças, onde representantes de cada delegação farão um relatório sobre a participação da sua organização na luta contra o imperialismo, sobre a situação das crianças do seu país e a solidariedade anti-imperialista. A camarada Olívia Mendes, professora do Internato «Titina Silá», acompanhará os pioneiros durante toda a viagem, servindo de intérprete e, ao mesmo tempo, de assistente social.

A Organização dos pioneiros Abel Djassi foi criada por Amílcar Cabral em 19 de Setembro de 1966 — dez anos depois da fundação do PAIGC — nas antigas regiões libertadas, no momento em que a luta de libertação nacional era já intensa. A sua principal missão, desde o início, foi contribuir para a educação das crianças da nossa terra. Agindo sob a orientação da Juventude Africana Amílcar Cabral, ela procura reforçar nas crianças a procura ao povo, a dedicação à luta de reconstrução nacional, o respeito pela família e pela escola. Procura valorizar também um espírito internacionalista, o gosto pela justiça, trabalho, pelo progresso e liberdade. A organização sempre constituiu a vanguarda das crianças da nossa terra. Para ingressar nela, é preciso ter pelo menos

a frequência da primeira classe, e de dez a 14 anos. Os pioneiros procuram criar em todos os seus camaradas de escola, o desejo de merecerem usar o lenço amarelo dos Pioneiros Abel Djassi e de se esforçarem por igualar aos melhores filhos do povo, inspirando-se no exemplo dos heróis



PIONEIROS "ABEL DJASSI" NA ALEMANHA DEMOCRÁTICA

da nossa luta de libertação nacional.

PARTICIPAÇÃO NA LUTA

Desde a fundação a Organização dos Pioneiros funciona sob a direcção do PAIGC. Durante a luta armada, foi considerável a participação dos pioneiros nas diversas frentes. Colaboraram no transporte de medicamentos e outros artigos, da fronteira para as bases, no trabalho voluntário nos hospitais, postos sanitários, armazéns do povo. Também participavam activamente nas lavouras com a população. Como não podia deixar de ser, a arte, cultura e desporto integram-se nas suas actividades diárias.

Depois da libertação completa da Guiné-Bissau, a Organização dos Pioneiros do Partido vem

melhorando as suas condições de trabalho e a sua ramificação em todo o País, com a aquisição de melhores instalações para salas de jogos, salas de aulas, bibliotecas, dormitórios e sédes. Tudo isto faz parte de um novo programa para a sua reestruturação que ainda se encontra em estudo.

Entre as suas actividades, esta organização pode promover encontros com outros países, com os dirigentes do Partido, responsáveis da área, com os trabalhadores, os militantes e combatentes. É indispensável também encontros com amigos estrangeiros em visita ao nosso país e com todos aqueles que mostraram interesse pelo bom trabalho da Unidade.

Assim, a Organização de Pioneiros Abel Djassi orienta a sua

acção no sentido de criar em cada um dos seus membros, a vontade de vir a ser um militante digno do nosso Partido, um dinamizador activo da JAAC. Ela tem assim um papel importante na preparação da juventude para as responsabilidades de amanhã, na obra de reconstrução nacional e na defesa intransigente das conquistas revolucionárias do povo da Guiné e Cabo Verde.

O movimento dos Pioneiros Abel Djassi no estrangeiro vem-se processando desde a sua fundação. Já tomaram parte em campos de férias de pioneiros de vários países, como a União Soviética, Jugoslávia, Checoslováquia e Cuba, no ano passado. Além desta viagem à Alemanha, mais grupos viajarão para outros países, provavelmente ainda este mês.



A agressão sio é um insulto pa

(Continuação da 1.ª página)

de sete mil refugiados de Angola e pelo sub-emprego que se mantém nessas zonas.

«Mas continuamos a trabalhar no sentido de liquidar esse problema», disse o camarada Aristides Pereira.

AJUDA EXTERNA E INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Referindo-se à eficácia da solidariedade internacional na superação dos problemas económicos, o camarada presidente afirmou que tem surgido algumas dificuldades relacionadas com a falta de conhecimento das realidades caboverdianas por parte de outros países. No entanto, graças a um intenso trabalho de informação realizado ao longo de um ano, foi possível conseguir, para além do apoio dos países socialistas que sempre ajudaram o PAIGC, a cooperação de vários países ocidentais. A este respeito, o camarada Aristides Pereira destacou os países do Mercado Comum e também os Estados Unidos da América, salientando o desejo de fortalecer «relações correctas» com este último país, «tendo em atenção a tradição de secular ligação entre o nosso povo e o povo americano, que se concretiza pela existência de uma grande colónia caboverdiana nos E.U.A.». Lembrou ainda o estabelecimento de um acordo cultural com a França e a série de acordos recentemente acordados com o governo português, «com quem temos relações especiais».

SAMORA MACHEL

“Só com o Zimbabwe libertado podemos consolidar a Revolução”

MAPUTO — «Azelamos às Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) que se preparam desde já para avançar sobre o Zimbabwe» — afirmou o presidente Samora Machel perante uma multidão de cem mil pessoas na cidade de Maputo. Durante quatro horas, milhares de manifestantes desfilarão pelas ruas da capital pronunciando-se contra as agressões militares da Rodésia do Sul após o que se concentraram na Praça dos Heróis para escutar uma importante alocução proferida pelo presidente Samora Machel.

A manifestação foi a expressão da revolta popular contra os crimes perpetrados pelo regime de Ian Smith e da solidariedade do povo moçambicano em relação às vítimas dos massacres.

O presidente Samora Machel caracterizou esta manifestação como «uma declaração de todo o povo moçambicano de que Ian Smith contraiu uma dívida de sangue para com Moçambique, dívida essa que tem que ser paga».

«O nosso povo está convicto que só com o Zimbabwe libertado, declarou, podemos consolidar a nossa revolução. Esta é uma afirmação inequívoca de que o nosso povo está decidido a suportar todas

as dificuldades e sacrifícios para cumprir o seu dever internacionalista para com o povo do Zimbabwe».

A alocução do presidente Samora Machel seguiu-se à leitura de mensagens das FPLM e de organizações de massas que exigiam «a tomada de medidas punitivas contra o invasor» e à apresentação de sobreviventes feridos dos massacres da Mapai e Xicualacuala, entre os quais figuravam duas crianças.

Samora Machel lembrou que Ian Smith ataca Moçambique desde 1965, o que prova «que esses ataques não são devidos ao apoio que o povo de Moçambique presta ao povo do Zimbabwe, mas sim porque Smith é inimigo da independência, da liberdade. É um irresponsável».

Depois de afirmar que Ian Smith pretende alastrar o conflito para os países vizinhos, o dirigente moçambicano afirmou que «a nossa tarefa é manter a guerra no Zimbabwe».

Definindo as tarefas do momento presente, o presidente considerou como prioritárias a elevação da capacidade de defesa e o aumento de produção.

O presidente Samora Machel

lançou um apelo à comunidade internacional, especialmente aos países africanos «à África progressista e combatente» e aos «países amigos da zona libertada da humanidade» (os países socialistas) para que apoiem a acção do povo moçambicano na sua defesa e no seu apoio internacionalista ao povo do Zimbabwe.

No dia 25 de Julho, alguns quilómetros ao norte de Chicualacuala (ex-Malvénia), cerca de 100 soldados de Ian Smith cruzavam a fronteira e internavam-se em território moçambicano, transportados em aviões e utilizando picadas solitárias. Envergavam fardas análogas às das FPLM, armamento igual, e davam vivas à Frelimo quando calhava cruzarem-se com populares ao mesmo tempo que iam cortando as comunicações telefónicas.

No dia 26, pelas cinco horas e trinta minutos, aquele grupo, juntamente com a aviação, levou a cabo o massacre de Mapai.

Foram alguns sobreviventes daquele massacre que contaram a mais de 100 mil pessoas o que se tinha passado em Mapai. Seguidamente foram lidas algumas mensagens das F.P.L.M., do Partido da O.M.N. e dos continuadores. Mensagens que manifestavam o re-

púdio pelo ocorrido, mas exigiam ao mesmo tempo que o Governo tomasse enérgicas medidas de resposta. No final do seu discurso, referindo-se à manifestação, Samora Machel diria:

«Queremos que hoje seja a última vez que fazemos manifestações de repúdio. Nós não somos de «slogans». Conquistámos a nossa independência porque suportámos sacrifícios. Esta liberdade que nós temos não nos foi oferecida. Esta liberdade conquistámo-la. Por isso não queremos perder esta independência. Fazemos do sangue dos nossos heróis areia, cimento e água. Fazemos do sangue das nossas vítimas fertilizante, adubo, suruma das nossas veias. Fazemos do sangue das nossas vítimas a nossa determinação».

«O inimigo pode imitar tudo, menos a nossa vida e o nosso comportamento» — diria Samora Machel referindo-se ao tipo de vigilância necessária e ao modo como as tropas de Ian Smith entraram em Moçambique, dando vivas à Frelimo, cantando o hino nacional e envergando os mesmos uniformes e as mesmas armas.

Ainda referindo-se às tarefas da rectaguarda considerou como segunda tarefa fundamental a produção: «A guerra defende a produção e a produção alimenta a guerra. Por isso, aqueles que vão construir a retaguarda vão dividir tarefas. Quando há festa não vamos todos. Há aqueles que ficam a cozinhar».

Samora Machel acrescentaria que era necessário acabar com a preguiça, a indisciplina e a falta de pontualidade, três elementos que considerou chaves na desorganização da actividade produtiva.

PRESIDENTE ARISTIDES PEREIRA

"A nossa Revolução começou da melhor maneira"

só começou a desenvolver-se de forma consequente depois de Julho de 1974. Anteriormente, a luta política assumia um carácter clandestino, com todas as limitações que isso implica. No entanto, dadas as condições específicas do colonialismo português em Cabo Verde, a adesão aos princípios do Partido e o alargamento da sua base política não se podem considerar inferiores em relação à Guiné. É que aqui, o colonialismo assumiu características muito particulares, devido ao isolamento insular em que vivemos e também condicionamentos físicos e geográficos da nossa terra. De maneira que, em certo sentido, o nosso povo sofreu mais do que grande parte dos povos africanos mesmo os que fizeram luta armada. Tinha, portanto, muito mais razões para lutar contra o colonialismo.

Podemos dizer — prosseguiu o camarada Aristides Pereira — que fizemos já uma revolução em Cabo Verde, porque conseguimos em pouco tempo, no pouco tempo que tivemos de luta política, uma destruição total do sistema colonial, que era baseado na existência de uma elite caboverdiana, o que também constituía uma característica própria. O colonialismo português não se caracterizava pela presença física do colonizador; era representado e executado através de agentes caboverdianos, que formavam uma elite. Nestes poucos meses, liquidámos essa elite. Neste aspecto, posso dizer que de facto começámos já uma revolução em Cabo Verde, e da melhor maneira.

CONTRIBUIÇÃO PARA O PROGRESSO NO MUNDO

Depois de revelar que a data

do III Congresso do Partido deverá ser precisada depois da próxima reunião do Conselho Superior da Luta, o camarada Aristides Pereira, caracterizando a contribuição dada pelo PAIGC nestes vinte anos de existência (a completar em breve) para uma mudança das relações de força no mundo, afirmou, em síntese:

«A nossa melhor contribuição consistiu em mobilizarmos as massas populares, tanto na Guiné-Bissau como em Cabo Verde, no sentido da reconstrução dos nossos dois países. Na medida em que o conseguimos, em que conseguimos garantir uma vida melhor aos nossos povos, demos uma contribuição eficaz para a paz e o progresso no mundo».

Expondo as suas perspectivas sobre a realização da próxima cimeira da CONCP, o Presidente Aristides Pereira, depois de considerar que esta, como organização dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, está morta, uma vez que as antigas colónias são hoje países independentes, em que precisamente aqueles movimentos de libertação detêm o poder, salientou a necessidade de prosseguir «o espírito da CONCP». E precisou:

«Durante todo o tempo que durou a luta de libertação nacional, fizemos um certo esforço de coordenação, de unidade de acção, limitada, naturalmente, pela distância, e por factores próprios e reais que caracterizavam cada um dos países. Hoje, como nossos países independentes, pensamos que, partindo das opções que nos são comuns (particularmente em relação aos nossos povos e em relação à África), temos a obrigação de reforçar esses laços e essa solidariedade, mas agora de maneira concreta, como Esta-

dos soberanos que podem auxiliar-se reciprocamente, tendo em conta as diversas condições de cada país».

Das várias questões relativas à actualidade africana colocadas ao camarada Aristides Pereira, destacamos a sua opinião sobre

a recente agressão de forças sionistas ao Uganda, de onde libertaram reféns das forças nacionalistas palestinianas. Disse o Secretário-Geral do PAIGC:

«Conhecendo nós o carácter do sionismo, outra coisa não seria de esperar. O que aconteceu prova simplesmente que nós, em África, devemos reforçar cada vez mais a nossa unidade, no sentido de os países africanos estarem em condições de se defenderem de agressões desse género que, quanto a nós, constituem um verdadeiro insulto a toda a África. Devemos, portanto, tirar todas as lições necessárias deste acto».

IKO CARREIRA

"TEMOS AINDA CONTRA NÓS A AMBIÇÃO DOS REACCIONÁRIOS E DOS FANTOCHES"

LUANDA (AFP) — O ministro angolano da Defesa, comandante Iko Carreira, sublinhou que o «dever internacionalista» de Angola é de apoiar os povos «que lutam pela independência e, principalmente, o combate da Swapo na Namíbia».

O camarada Iko Carreira, que se dirigia aos alunos da primeira escola de sub-oficiais do exército angolano, em Benguela, (600 kms ao sul de Luanda) declarou:

«Nós temos o dever internacionalista de ajudar e apoiar aqueles que não são independentes e principalmente aqueles que, perto das nossas fronteiras, combatem o racismo sul-africano (...) Devemos prepararmo-nos para dar um apoio material e político ao combate que os nossos camaradas da Swapo sustentam na Namíbia, é um dever internacionalista do qual não podemos nos esquivar».

O ministro da Defesa declarou por outro lado que, no plano da situação interna, a luta das forças armadas não tinha ainda acabado em várias regiões do país. «Consolidamos as conquistas realizadas disse ele, mas não fazemos esta consolidação em paz. Nós temos ainda contra nós a ambição dos reaccionários e dos fantoches dispersados pelo país. Iremos combater ainda e dar o nosso sangue durante muito tempo por esta pátria mártir».

No que respeita à situação nas fronteiras de Angola, o comandante Iko Carreira declarou que ela não «era calma, Os racistas sul-africanos fazem provocação no sul e os fantoches de todas as naturezas percorrem os caminhos das fronteiras do norte e do leste numa tentativa desesperada para mudar o curso da história».

Durante a sua alocução, perante os futuros sub-oficiais das forças armadas angolanas, Iko Carreira rendeu uma viva homenagem aos militares cubanos que farão a instrução dos cadetes. «Hoje como ontem, disse ele, eles combatem ao nosso lado».

A abertura das diferentes escolas de aplicação militar em Angola é destinada a transformar as FAPLA num exército regular nacional de tipo clássico.

A LUTA CONTINUA

LUANDA (TASS) — A luta continua, venceremos! «Esta palavra de ordem encontra uma larga audiência junto da população da RPA. O governo e o MPLA aspiram fazer as largas massas populares participarem na elevação da economia nacional arruinada pela intervenção das forças imperialistas, a construção pacífica de uma nova sociedade livre da exploração do homem pelo homem. Organizando eleições dos representantes do povo nos órgãos locais do poder atesta o grande prestígio que o MPLA possui junto das massas, e desfere um golpe fulminante às forças reaccionárias que querem retardar o progresso triunfal da revolução».

A economia angolana, onde dominavam dantes companhias americanas, sul-africanas, portuguesas e outras, mudou sensivelmente de fisionomia. Beneficiando do inteiro apoio dos trabalhadores, o governo instituiu o princípio da propriedade social em todas as esferas da vida. Um número cada vez maior de empresas industriais tornam-se propriedade do povo.

Fábricas metalúrgicas, fábricas de aço, fábricas têxteis, empresas de indústrias peixeira e alimentar foram nacionalizadas. A organização dos transportes foi confiada a uma nova companhia nacional a «Sonangol».

Doravante, os monopólios estrangeiros não têm nenhuma influência neste sector importante da economia. As empresas nacionalizadas são geridas por comités de operários. Os militantes sindicalistas fazem um trabalho de politização e explicação aos operários o sentido das novas formas de relações de produção.

nista ao Uganda
ra toda a África

Como conciliar a necessidade crucial de ajuda externa com a salvaguarda da independência nacional? A esta pergunta, o camarada Aristides Pereira respondeu reafirmando um princípio defendido pelo PAIGC desde os tempos da luta:

«Sempre dissémos que o nosso princípio consistia em receber ajudas de toda a gente, com a única condição que essas ajudas não nos impusessem condições. Nesse aspecto tenho a impressão de que de facto conseguimos a compreensão de todos os países que nos quiseram ajudar e que, portanto, nada temos a temer dessas ajudas. Até porque — prosseguiu — hoje em dia, o facto de já estarmos integrados na África independente e nesta parte deserdada de África que é o Sahel, permite-nos também organizarmos para conseguirmos os meios indispensáveis para superar as necessidades imediatas e prever aquele mínimo que é necessário fazer para evitar essas dificuldades no futuro».

Uma das perguntas postas ao camarada presidente de Cabo Verde incidia sobre a existência de uma revolução em Cabo Verde, onde não chegou a verificar-se luta armada para a libertação nacional, contrariamente ao que aconteceu na Guiné-Bissau. O presidente Aristides Pereira caracterizou a situação dizendo:

«É aqui que reside uma das mais importantes diferenças que existem dentro do PAIGC, em relação a Cabo Verde e à Guiné. Na Guiné fizemos luta armada e em Cabo Verde, além de não termos feito luta armada, a própria luta política praticamente



Um ano de liberdade, olhares firmes, o povo está em festa

FUTEBOL

TAÇA DA GUINÉ-BISSAU

Os quartos de final para a Taça da Guiné-Bissau em futebol realizam-se neste fim de semana, em Bissau, no Estádio Lino Correia, com os seguintes jogos: hoje, às 17 e 21h, respectivamente, Estrela Negra, Cantchungo e Bula Farim, Amanhã, domingo, às 17h, Sporting Tombali. O Ténis Clube ficou beneficiado no sorteio e só participará nas meias finais.

COLONIALISMO E LIBERTAÇÃO EM DEBATE

O Comité da Juventude Africana Amílcar Cabral do bairro de Chão de Papel-Varela, vai realizar um seminário a partir de amanhã às 16 horas, na sede do mesmo Comité. O objectivo deste seminário é de aumentar o nível de consciência política dos militantes da JAAC no Bairro. Ele durará cerca de dois meses e meio. Serão debatidos temas ligados ao colonialismo como forma de dominação imperialista, à resistência à colonização portuguesa na Guiné-Bissau, programas do PAIGC e a luta de libertação nacional. Também serão discutidos assuntos relacionados com a unidade africana e a luta dos povos do Zimbábwe, Namíbia e África do Sul.

DOS LEITORES

Confronto de culturas no festival de música

«O recente festival realizado no Estádio Lino Correia foi mais uma oportunidade que o público teve para fazer uma distinção correcta entre duas linhas: a linha das grandes massas e a linha das infimas minorias. Apesar de todo o festim de irregularidades, este festival constituiu uma história táctica para a música popular. Muito naturalmente, cada cultura pertence a uma determinada classe e se, na linha de pensamento de Cabral, não aceitarmos que o estágio de desenvolvimento económico e a orgânica política social de África, colocam as sociedades africanas à distância das sociedades horizontais, então admitiremos que a confrontação do vasto painel cultural que nos saltou à vista durante o festival, foi uma confrontação entre culturas de classes diferentes.

Foi uma longa passagem de modelos, este festival «internacional» de música, no qual desfilaram vários tipos de músicas: do Quênia, da Tanzânia, o corá, o dondon, etc. Consciente ou inconscientemente, houve por parte de certos conjuntos uma deturpação dos objectivos a atingir, uma falsificação do património musical nacional, uma tentativa prematura de simbiose da música nacional com a música da África oriental: Tanzânia e Quênia.

Existe uma tabela de valores de preferência para cada classe. Assim, encontramos a música popular operária, o kumbói atcha-lento, morna, gumbé de aku, gumbé, etc. retalhados e reprimidos pelo colonialismo e que apenas subsistem nas «mandjuandades» e a música camponesa, o corá o dondon, o ksundé, etc. Encontramos no plano da música electrónica certos conjuntos como o Mama Djombo, o Cobiana e o Tenan Coya, que estão tentando fazer um louvável retorno às fontes da música camponesa.

A margem da realidade cultural nacional, encontramos os marginalizados, ditos assimilados, para os quais os ritmos estrangeiros de Erasmo, Roberto Carlos, do Congo, da Tanzânia, de Hendrix, de Santana, constituem valores sagrados e inalienáveis. Camaradas, nós estamos em processo, a nossa música está em processo. A questão é definir as grandes linhas para o futuro. É uma questão de desenvolver ou abandonar o nosso património cultural. Que deste festival nos fiquem lições, para que de futuro saibamos fazer um juízo correcto dos nossos valores culturais e que, na meia de júri, saibamos permutar a nossa ordem de valores, para que as gerações seguintes encontrem devidamente valorizada a nossa música nacional popular autêntica».

HELDER JORGE

CORSINO FORTES

PROFUNDAMENTE ALINHADOS COM TODOS PAÍSES PROGRESSISTAS

«[...] Somos profundamente alinhados com as nossas realidades, as nossas conquistas, com a defesa das conquistas em Cabo Verde e Guiné-Bissau e profundamente alinhados com todos os povos progressistas do mundo no combate a todas as formas de opressão e de exploração do homem pelo homem», afirmou Corsino Fortes, embaixador de Cabo Verde em Portugal, numa entrevista concedida ao jornal português «o diário», a qual transcrevemos.

«Em Cabo Verde desenvolve-se um processo revolucionário sereno, mas profundo. A criação do homem novo é o objectivo último do PAIGC, seus dirigentes e militantes. Por enquanto, porém, os esforços desenvolvem-se no sentido de completar a independência política adquirida há um ano com a independência económica.

Sobre as perspectivas futuras desta luta, revelou-nos Corsino Fortes: «Pela experiência deste ano, pelas conquistas já alcançadas, tendo em conta o ponto zero de onde partimos, podemos afirmar não ser Cabo Verde tão pobre quanto se pretendia demonstrar. E embora não tenhamos riqueza de subsolo, temos confiança na única riqueza que possuímos: o nosso capital humano.

«Partindo desta base — con-

tinuou o embaixador da República de Cabo Verde em Portugal — já conseguimos de facto vitórias e conquistas que podemos dizer não terem paralelo durante todo o período colonial. Durante a dominação colonial houve um constante depauperamento de Cabo Verde. Eu próprio o posso testemunhar. Há 10 anos Cabo Verde era melhor que hoje. Há 20 era melhor que há 10 e assim sucessivamente. Por outro lado, temos verificado que determinados países com condições semelhantes às de Cabo Verde (quer geológicas quer climáticas) as têm conseguido superar devido ao esforço dos seus melhores filhos. E nós estamos convictos que também o faremos. E as conquistas alcançadas neste primeiro ano nos sectores da economia, agricultura e criação de novos postos de trabalho asseguram-nos que assim será.

Não iremos depressa. Isso seria contraproducente. Mas dentro de cinco anos — no fim do nosso primeiro plano quinquenal — demonstraremos (embora já o estejamos a fazer) conquistas palpáveis. As solicitações recebidas de inúmeros países demonstram-nos as potencialidades que temos. Em certo sentido este primeiro ano de independência tem-nos também permitido fazer o inventário dos nossos recursos nacionais.

Dentro de cinco anos Cabo Verde estará numa nova etapa histórica, económica e financeira do seu desenvolvimento. Em cinco anos demonstraremos ao mundo os resultados do trabalho desenvolvido pelos melhores filhos de Cabo Verde».

AGRICULTURA CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO

«A agricultura é uma preocupação constante de Cabo Verde», começou por declarar Corsino Fortes quando lhe pedimos para se debruçar sobre as realidades caboverdianas. «A produção para a subsistência da nossa população e para o desenvolvimento da nossa capacidade de exportação estão nos nossos planos imediatos. Por outro lado a melhoria das condições da nossa agricultura permitirá a fixação do nosso fluxo migratório. Na verdade, grande parte dos nossos emigrantes são trabalhadores rurais que face ao constante depauperamento dos solos, à falta de água e à inexistência das mínimas condições de traba-

lho optam pela busca do pão fora da sua terra. Há que acabar com esta situação e ao longo deste ano de independência já se fez alguma coisa.

«Nestes primeiros tempos», enumera o embaixador de Cabo Verde, «o Governo do meu país tem-se debruçado sobre todo o trabalho de Reforma Agrária e o reordenamento agrícola porque é na agricultura que a quase totalidade dos caboverdianos se ocupa. Neste campo para além de outras dificuldades deparamos com uma bastante grave: a escassez das chuvas. Mas a este anda ligado um outro: a perda das águas da pouca chuva que cai no arquipélago com a agravante de as águas, ao escorrerem em direcção ao mar, arastarem consigo a terra arável. Assim está em início de execução um plano de correcção torrencial e de fixação de solos. Já há estudos e até trabalhos feitos neste sentido. Nomeadamente nas bacias hidrográficas da Ribeira Seca, Ribeira dos Picos, em S. Domingos e Engenhos na ilha de São Tiago. Neste caso o plano compreende a construção de mais de mil diques de pedra para a criação de áreas de regadio permanente, outras de regadio temporário e permitir um aumento substancial da infiltração das águas no solo. Nestes trabalhos há já ocupadas mil e quinhentas pessoas pensando-se que no próximo ano o número aumentará para 5 mil. Entretanto até ao passado mês de Abril já estavam construídos mais de uma centena de diques.

Todo este projecto, a ser desenvolvido em quatro anos, está orçado em cerca de 110 mil contos. Na mesma ilha de São Tiago há em desenvolvimento projectos hortícolas com aumento das respectivas áreas de cultivo.

Também na ilha do Fogo há um projecto de fomento da área de regadio com a particularidade de nesta ilha nunca ter havido regadio. Até ao próximo mês ficarão adaptados 35 hectares de terreno.

Ainda na campo agrícola iremos fomentar uma cultura tradicional da nossa terra: o ricino. O cultivo é que será feito em novos moldes. Serão cooperativas que irão levar a cabo esta acção.

O café de Cabo Verde, um dos mais afamados do mundo mas ultimamente em decréscimo de cultivo vai também ser alvo das nossas atenções. Já temos um projecto para cultivo numa área de 700 hectares.

Poderia continuar a enumeração ilha por ilha das realizações no campo da agricultura. Mas penso que não será necessário. Basta dizer que quer na ilha de S. Nicolau, quer na Boavista, quer na ilha do Maio ou de Santo Antão se percorrerá o caminho já enunciado para as ou-

tras. Atendendo evidentemente às características próprias de cada uma. O que aconselha, por exemplo, na ilha do Maio o desenvolvimento da agro-pecuária com a subsequente intensificação das pastagens e da reflorestação. Ainda na ilha do Maio convirá referir a construção de uma grande fábrica de cimento que terá a capacidade de produção de um milhão de toneladas anuais.

No caso da ilha de Santo Antão temos um projecto de desenvolvimento integral da ilha em quatro fases estando a primeira em fase de arranque e orçada em 20 mil contos.

No campo das realizações práticas do primeiro ano da independência refira-se que conseguimos eliminar praticamente em cem por cento o que por vezes se transforma numa praga para as culturas: os gafanhotos. Fazendo de reflorestação passo adiantar que este ano serão plantadas por altura das chuvas, 16 000 árvores, sendo este um primeiro passo de uma iniciativa a desenvolver ao longo de vários anos.

Uma outra questão relacionada com o enquadramento jurídico do reordenamento agrícola em execução. Aqui, acabamos com os sistemas de parceria e subarrendamento por serem claramente lesivos

(Continua na página 8)

ANÚNCIOS

VENDE-SE

Seis máquinas de escever portáteis, marca Brother. Os interessados devem tratar pelo telefone 3141.

AVISO

A firma comercial «Barbosa e Comandita», dá a conhecer ao público, que por se encontrar em transacção com o Estado, quanto à sua actividade, vai cessar muito em breve.

CONVITE

A UDIB convida a todos os sócios para o baile comemorativo do seu 47.º aniversário, que terá lugar no próximo sábado, dia dez, seguido de matiné no domingo, com a presença do conhecido conjunto Capa Negra. A entrada é grátis, mas só para os sócios que tenham as quotas em dia. O pagamento pode ser efectuado todos os dias até as 20h, na sede do respectivo clube, onde estão patentes todas as informações sobre os bailes.

Para a soireé, não será permitida a entrada a menores de 14 anos.

VENDE-SE

Caixa de congelação grande a funcionar em boas condições. Preço acessível. Tratar com Manuel Estácio, residente na Rua 13, casa n.º 14.1.º Esq.º ou pelo telefone 2640.

A ÁFRICA E O MUNDO

CIMEIRA DA OUA

Ataque dos racistas contra países vizinhos será considerado agressão à África

LUSAKA (AFP) — Os países membros da Organização da Unidade Africana aprovaram por unanimidade, durante a cimeira que se realizou em Port Louis (Ilha Maurícia) uma proposta do Presidente zambiano Kenneth Kaunda, nos termos da qual todo o ataque contra um país fronteiriço da África do Sul e da Rodésia será considerado como um ataque contra o conjunto do continente africano.

Segundo Siteke Mwale, ministro zambiano dos Negócios Estrangeiros, esta proposta tinha sido feita pelo Presidente Kaunda,

devido aos perigos que apresenta para os estados fronteiriços dos países da África branca (Zâmbia, Tanzânia, Botswana e Moçambique) a recrudescência dos combates na Rodésia.

O ministro dos Negócios Estrangeiros precisou que a proposta do Chefe de Estado zambiano tinha sido adoptada por aclamação e que os membros da OUA tinham-se comprometido em conceder a sua assistência militar aos quatro estados referidos, em caso de ataque emanado de um dos «regimes minoritários da África Austral».

CHINA

ÚLTIMAS HOMENAGENS A CHU TEH

PEQUIM (AFP) — Brigadas civis e militares e delegados de todos os sectores da população prestaram na quinta-feira as últimas homenagens a Chu Teh, presidente da Assembleia Nacional Popular chinesa que morreu com 90 anos.

O corpo do velho companheiro de Mao Tse-Tung esteve exposto durante todo o dia numa sala do hospital de Pequim. No hospital, uma bandeira vermelha chinesa com a foice e o martelo foi colocada a meia-haste na entrada principal, onde chegados em carros, autocarros e «Jeeps», várias dezenas de dirigentes e delegações de militantes, operários e camponeses, homens e mulheres, prestaram em seguida homenagem à personagem histórica.

CONDOLÊNCIAS

DA U.R.S.S.

MOSCOVO (TASS) — O Presidium do Soviète Supremo da URSS enviou ao Comité Permanente da Assembleia chinesa dos Representantes do Povo e ao povo chinês, uma mensagem de condolências profundas, por ocasião da morte de Chu Teh.

A recordação de Chu Teh, eminente revolucionário internacionalista chefe militar legendário e combatente pela libertação da China, continuará sempre no coração dos soviéticos, diz a mensagem.

O telegrama exprime condolências à família e parentes do defunto.

COSTA GOMES

“Portugal está longe da estabilidade”

LISBOA (AFP) — O general Costa Gomes ofereceu na terça-feira passada à tarde, no palácio de Queluz, uma recepção de despedida a todo o corpo diplomático acreditado em Lisboa. De manhã, o general Ramalho Eanes, seu sucessor eleito, tinha sido oficialmente proclamado presidente da República pelo Tribunal Supremo depois da verificação da eleição de 27 de Junho.

Em algumas declarações feitas durante a recepção, o Presidente Costa Gomes afirmou nomeadamente que «contrariamente ao que dizem alguns jornalistas e políticos, Portugal está ainda longe de ter atingido a situação de estabilidade, que é absolutamente necessária a uma nação para que ela possa progredir sem sobressaltos».

O Presidente cessante confirmou implicitamente, por outro lado, que se colocava «em reserva da nação». Ele lembrou com efeito, que tinha atingido o limite da idade no serviço activo mas, disse, «eu creio que acumulei um capital de experiência e de conhecimentos que poderia ser utilizado sobretudo no momento em que devemos reorganizar as Forças Armadas».

NOVO GOVERNO PROXIMAMENTE

O Conselho dos Ministros do sexto governo provisório português reuniu-se na quarta-feira passada, provavelmente pela última vez.

Com efeito, dentro de uma se-

mana o general Ramalho Eanes, presidente eleito, prestará juramento de investidura perante a Assembleia Legislativa. Ele nomeará imediatamente depois o primeiro-ministro encarregado de formar o governo constitucional.

Na ordem do dia do Conselho dos Ministros de quarta-feira, figurava nomeadamente a criação definitiva do projecto de lei sobre o controlo operário da gestão das empresas.

Até ao fim da semana, o último toque deverá ser a criação do gabinete socialista que Mário Soares presidirá. Soube-se com efeito que o comité director do PS foi convocado para ontem. Ora, segundo os estatutos do Partido, é precisamente ao comité director que compete aprovar a designação dos ministros e secretários de Estado socialistas.

A formação do governo está rodeada da maior discricção e os responsáveis do PS recusaram-se até o momento a dar a menor indica-

ção sobre a sua composição. No palácio de São Bento, residência do primeiro-ministro, começaram já a retirar os móveis e objectos pessoais do almirante Pinheiro de Azevedo, para dar lugar aos do seu sucessor.

MERCENÁRIOS PARA A RODÉSIA

Antigos militares do exército colonial português seriam recrutados em Lisboa para irem combater como mercenários na Rodésia, segundo o jornal «A Capital».

Dois portugueses pelo menos teriam já partido para Salisbury, depois de receberem 90 contos e com a promessa de um salário de cerca de 50 contos. Segundo «A Capital», o recrutamento é feito por dois homens falando português com um acento anglo-saxão e que frequentam o «Rossio», a grande praça de Lisboa, onde se encontram os cafés habituais dos repatriados das antigas colónias.

ITALIA: APÓS AS ELEIÇÕES REABRIU O PARLAMENTO

ROMA (AFP) — Música de câmara sem falsas notas em Roma, para a entrada do novo Parlamento italiano: perfeitamente afinados, os violões contribuíram para criar um ambiente harmonioso e

profundo: o da reconciliação nacional.

Trata-se do compromisso institucional, o que não se esperava — um acontecimento histórico para este país quase a partir-se em dois entre católicos e marxistas, depois das eleições de 20 de Junho.

Na Câmara como no Senado, não houve debate para a eleição dos presidentes, primeiro acto oficial da legislatura. Os líderes dos seis partidos concordaram numa reunião colegial desde sábado. Eles evitaram assim a prova de ter que definir uma maioria e portanto de reabrir o combate político. Para já, espera-se que este método colegial presidirá à definição do futuro programa de governo.

O acontecimento é por outro lado, tanto mais considerável porque a presidência da Câmara foi confiada a um comunista, Piero Ingrao. É a primeira vez desde a criação da Frente Comum antifascista logo no após-guerra, em 1946.

Nas salas da Câmara numerosos deputados falavam do regresso às fontes da jovem república. No hemiciclo, durante uma suspensão da sessão, uma cena ilustra esta esperança. Enrico Berlinguer, secretário-geral do Partido Comunista, atravessou a sala para ir saudar Giorgio La Pira, um dos pais-fundadores do Partido Demo-

(Continua na página 8)

CARTA NACIONAL NA ARGÉLIA

ARGEL (TASS) — Houari Boumediene, Presidente do Conselho da Revolução Argelina Democrática e Popular, assinou uma lei sobre a entrada em vigor da Carta Nacional. Aprovada no referendo de 27 de Junho a Carta Nacional consagra as conquistas do povo socialista da república.

ANGOLA NO C.O.M.E.C.O.N.

BERLIM (AFP) — A RPA poderá ser admitida no seio do «Conselho de Entajuda Económica» dos países socialistas, mais conhecido pelo nome de «Comecon». Uma delegação angolana encontra-se em Berlim-Leste, onde decorre a 30.ª sessão do «Mercado Comum Comunista».

Esta organização agrupa actualmente os sete países do Pacto de Varsóvia (URSS, RDA, Checoslováquia, Polónia, Bulgária, Hungria, Roménia), a Mongólia exterior, Cuba e a Jugoslávia, esta última como membro associado.

A sessão do conselho, que reúne a nível de chefes de governo, está habilitado, segundo os estatutos, «a decidir a admissão de novos membros ou da cooperação com os Estados que não são membros do Conselho de Entajuda Económica e manifestem o desejo de cooperar com ele».

A delegação angolana é dirigida por Lopes Teixeira, secretário de Estado da Indústria e da Energia e inclui Carlos Fernandes, secretário de Estado da Agricultura, e Garcia Neto, director dos Assuntos Económicos e da Cooperação no ministério dos Negócios Estrangeiros.

AFRIKANS BANIDO NAS ESCOLAS DA MAIORIA

JOHANESBURGO (AFP) — O abandono do «afrikans» como língua obrigatória nas escolas secundárias negras da África do Sul foi anunciado pelo ministro da Educação bantú, M.C. Botha.

A obrigatoriedade da utilização do afrikans como veículo de ensino nas escolas negras foi a causa imediata dos tumultos do mês de Junho em Soweto, na África do Sul.

ACÇÕES DA POLISÁRIO

ARGEL (AFP) — A Frente Polisário, num comunicado militar publicado em Argel, anunciou que em dois de Julho, Mahbes, Amgala e Lemsaid, foram os alvos dos ataques saharianos. O comunicado indicou que durante estes ataques, «20 soldados marroquinos foram mortos e dois camiões «Gazel», assim como dois morteiros 120 mm, foram destruídos».

O comunicado revelou igualmente a destruição de três veículos em 29 de Junho. Estes veículos, precisou ele, «pisaram minas provocando a morte de três dos seus ocupantes».

CRIMES DOS RACISTAS

MAPUTO (TASS) — As autoridades racistas da Rodésia cometem represálias sobre os africanos que recusam ajudá-los nas operações de punição contra os patriotas do Zimbábue. Como ressaltou dos debates no «Parlamento» rodésiano, os punidores destruíram a escola da aldeia de Chitoro, cujos professores e os 500 alunos tinham recusado participar na «caça» aos nacionalistas.

WALDHEIM CONDENA

DAR-ES-SALAM (TASS) — Kurt Waldheim, secretário-geral da ONU, reprovou os militares rodésianos pela agressão criminosa cometida contra a localidade de Mapai, em Moçambique. Esta agressão causou 19 mortos e sete feridos entre a população civil. Fazendo escala em Dar-Es-Salam em viagem para Nova York, ele declarou que a ONU continuaria a prestar a sua assistência a Moçambique no contexto do fecho da sua fronteira com a Rodésia racista.

O secretário-geral das Nações Unidas criticou abertamente os actos das autoridades sul-africanas, que tinham perpetrado uma massacre sangrento contra os africanos de Soweto.

ANGOLA: JULGAMENTO DOS MERCENÁRIOS

Não basta pedir clemência

LONDRES — A rainha Isabel dirigiu um telegrama ao Presidente Agostinho Neto de Angola pedindo-lhe clemência para os mercenários britânicos condenados à morte em Luanda, anunciou um porta-voz do palácio de Buckingham.

A mensagem foi dirigida a partir do iate «Britânia» no qual a soberana viajou para os Estados Unidos. O primeiro-ministro, James Callaghan, entrevistou igualmente na semana passada junto do governo angolano para que ele fosse clemente para com os condenados.

NÃO BASTA PEDIR CLEMÊNCIA

«Não adianta nada o governo britânico apelar, simplesmente, das sentenças. Tem que mostrar que está preparado para deter os mercenários que achem a partir da Grã-Bretanha» — disse o inglês Jack Dromey, observador destacado no julgamento dos mercenários em Angola.

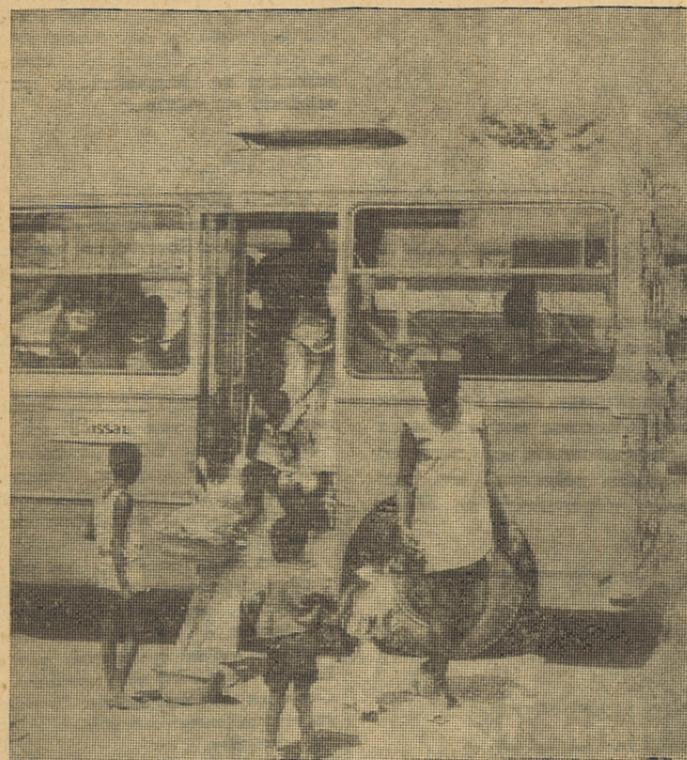
Dromey, antigo presidente do Conselho Nacional para as Liberdades Cívicas, que assistiu ao julgamento a convite das autoridades da República Popular de Angola, frisou que as sentenças de morte só seriam comutadas se o governo britânico demonstrasse que estava disposto a banir o recrutamento de mercenários.

«Os quatro homens poderão ser executados» afirmou Jack

Dromey. «O governo tem de provar que tem o desejo de banir a angariação de mercenários e fazê-lo rapidamente. Somente então o governo angolano dará atenção a um pedido de clemência».

Por seu turno, o advogado britânico Stephen Sedley que fez parte da chamada Comissão Internacional sobre Mercenários, disse que a falta de vontade do governo da Grã-Bretanha de banir o recrutamento de mercenários não estava inteiramente desligada do seu desejo de não desagradar aos Estados Unidos.

Entretanto, são unânimes os observadores políticos e membros de comissões jurídicas de que o julgamento decorreu com uma extraordinária dignidade e alto sentido de justiça. O Tribunal Popular Revolucionário colocou sempre ao serviço dos acusados amplos meios de defesa.



CONFUSÃO NOS AUTOCARROS

ENTRADA AGORA É PELA FRENTE

«Que confusão é esta? Ideias tortas ou têm razão de ser?» Perguntas como estas fazem parte da reacção dos passageiros ao embarcarem nos autocarros da Empresa Siló Diata. É que agora, a partir do dia rio do que ocorria antes, a entrada é pela porta da frente e a saída pela porta de trás.

As reclamações dos passageiros surgem na medida em que, com a modificação, todos aglomeram-se perto da porta de saída. E a passagem fica difícil, devido ao pequeno espaço entre os bancos. Na frente, perto da porta que agora é a de entrada, há muito mais espaço livre.

Os responsáveis pela empresa procuram explicar a medida dando uma série de razões e tomando por exemplo outros países, onde dizem que a entrada é sempre pela porta da frente. Na verdade, em alguns países principalmente na Europa a entrada é feita dessa maneira. Em outros, no entanto, é feita da mesma forma usada antes pela empresa: por trás.

Além do exemplo importado, há razões práticas, segundo os dirigentes da Siló Diata. Ao embarcar, muitos passageiros ficavam presos na porta automática sem que o motorista percebesse. E ele era

responsabilizado. Agora, o motorista pode controlar visualmente o embarque e fechar a porta sem perigo.

A fuga de passageiros antes de pagar o bilhete, havia os que desciam pela própria porta de entrada — a de trás — é outro problema que deverá ser eliminado com as modificações. Agora, com o cobrador, sempre atrás, no seu lugar, e o motorista controlando a porta da frente todos terão que pagar antes de descer.

Itália Depois das eleições

(Continuação da página 7)

crata-Cristão, de regresso ao Parlamento depois de dez anos de ausência voluntária. Com lágrimas nos olhos, La Pira abraçou-o enquanto que à volta deles se aglomerava uma pequena multidão de deputados dos dois Partidos, apertando as mãos.

No Senado Amintore Fanfani, campeão da direita democrata-cristã, foi levado à presidência com os votos comunistas. E o segundo cargo do Estado. Os gritos ruidosos da campanha eleitoral pareciam bem esquecidos.

Tass», ao aperfeiçoamento da aparelhagem científica para as experiências e estudos que necessitam a presença do homem».

Os cosmonautas Boris Volynov e Vitali Jolobov, depois de terem efectuado, com êxito, a chegada à estação orbital «Sailout-5», esta passagem na estação no prazo previsto, começaram a verificar o material científico. A tripulação apreciou bastante o equipamento e as condições confortáveis de trabalho nos compartimentos Pressados.

Depois de feitas as contas do equipamento e dos dados telemétricos, os cosmonautas sentem-se bem. Todos os sistemas de bordo da estação científica pilotada. «Sailout-5» funcionam normalmente.

O voo desenrolou-se em conformidade exacta com o programa previsto.

''Profundamente alinhados com países progressistas''

(Continuação da pág. 6)

dos interesses dos trabalhadores da terra. Por outro lado foram proibidos o fraccionamento de prédios para arrendamento em áreas inferiores a um hectare ou meio hectare respectivamente para os casos de sequeiro e de regadio.

No campo do apoio ideológico a estas acções tentamos desenvolver, nas populações, o espírito cooperativista. Não procuramos impor mas sim fomentar.

Diga-se ainda que deste nosso processo de reordenamento agrícola têm estado afastadas quer as nacionalizações quer as expropriações».

DIFICULDADES RESULTANTES NO PASSADO

Não se queria ver no enunciado de realizações anteriormente feito um mar de rosas para o Povo de Cabo Verde e o PAIGC, sua vanguarda dirigente. Cabo Verde ascendeu à independência quando se completava o sétimo ano de mais uma das secas cíclicas que têm vitimado o povo do arquipélago. Mas as grandes dificuldades para a nova nação situam-se no passado colonial recente. Aos novos dirigentes deparou-se a necessidade de substituição imediata de toda a administração que encontraram, por outra capaz de dar resposta à nova situação.

«Mas um dos principais aspectos no campo das dificuldades — declarou Corsino Fortes — relaciona-se com a reconversão de todo o trabalho de apoio que encontramos em Cabo Verde. Houve muita aplicação de capitais em Cabo Verde mas nunca virado para o desenvolvimento, antes para a manutenção de uma situação política contrária a toda a luta que o nosso povo travava. O chamado trabalho de apoio visava o depauperamento das qualidades morais e laborais do nosso povo. Este primeiro ano tratou-se de substituir este trabalho por outro enriquecedor da nossa terra. O único local onde ainda não conseguimos ultrapassar totalmente esta situação é a ilha de Santo Antão. Mas isso sucederá logo que os projectos já citados comecem a ser postos em prática».

No plano do desenvolvimento económico para além da prioridade dada à agricultura os dirigentes caboverdianos dedicarão atenção especial ao turismo e à pesca.

Quando à pesca estão em vias de ser tomadas medidas visando impedir a pilhagem a que têm estado submetidos os recursos piscícolas caboverdianos mediante um patrulhamento mais rigoroso das respectivas águas territoriais.

«No campo do turismo — revela Corsino Fortes — nós temos de pensar muito bem a forma de o organizar. Parece-nos que, como dizia o camarada Pedro Pires, a prudência é um

factor importante neste campo. Porque nós não desejamos um turismo de qualquer maneira. Desejamos um turismo que se integre e participe no desenvolvimento real de Cabo Verde, que esteja de facto sintonizado com o desenvolvimento integral da nossa terra. Temos ideias bem definidas neste campo. Ao turismo só serão afectadas as ilhas da Boavista e Sal».

CABO VERDE E O NÃO-ALINHAMENTO

O prestígio do PAIGC abriu as portas do mundo ao Cabo Verde independente. Mal fora declarada a independência e já sessenta e três países se apressavam a reconhecer a nova nação africana. Os países da CEE por exemplo, fizeram-no em bloco.

«Nas relações externas defendemos os princípios do não-alinhamento, da não ingerência, de cooperação, tendo sempre em consideração os interesses legítimos de ambas as partes e o princípio da reciprocidade de interesses», revelou o embaixador de Cabo Verde. No entanto fez questão de acentuar: «Falando das nossas relações exteriores dizemos que somos um país não-alinhado. Mas somos profundamente alinhados com as nossas realidades, as nossas conquistas, com a defesa das conquistas em Cabo Verde e Guiné-Bissau e profundamente alinhados com todos os povos progressistas do mundo no combate a todas as formas de opressão e de exploração do homem pelo homem.

No entanto, estamos abertos às relações com todos os povos do mundo. Temos relações diplomáticas com vários países. Permito-me, no entanto destacar as relações com a Guiné-Conakry, Senegal, Angola, S. Tomé e Príncipe, Moçambique, República Popular do Congo, RFA, RDA, URSS, Brasil, Nigéria, Suécia, França e Portugal. Já temos representações diplomáticas em Portugal, EUA, Senegal, Holanda (temos dado prioridade aos locais onde há grandes colónias de emigrantes caboverdianos) e já estabelecemos contactos para resolução dos problemas dos nossos emigrantes com os governos de França, Bélgica, Holanda, RFA, Luxemburgo, EUA, Argentina, Brasil e Itália.

Naturalmente desenvolvemos relações muito especiais com a República irmã da Guiné-Bissau. Referi anteriormente as dificuldades devidas ao nosso passado colonial. Mas criticar a situação colonial não implica não fazer justiça ao Portugal nascido em 25 de Abril de 1974.

Temos excelentes relações com Portugal e Portugal tem procurado contribuir imenso, na medida das suas possibilidades, no campo da cooperação quer técnica, cultural e até económico-financeira com a Guiné-Bissau. Durante este ano já foram celebrados entre os nossos dois países 12 acordos de cooperação nos mais variados campos.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

MORTICÍNIO NO LÍBANO

BEIRUTE (AFP) — Desde o desencadeamento, a 24 de Junho, da «batalha de Tall Al Zaatar» — que terá marcado, talvez, a fase decisiva da guerra do Líbano — os confrontos entre o campo palestino-progressista e o campo conservador cristão causam diariamente verdadeiras hecatombes. 300 mortos, 450 feridos na quinta-feira. 550 mortos e 735 feridos na quarta-feira na única frente de Chekka, 500 mortos e 50 feridos na terça-feira: em três dias a sangria totaliza 1530 mortos e 1836 feridos, segundo balanços oficiais e aproximativos.

INFORMAÇÃO DOS NÃO-ALINHADOS

NOVA DELI (AFP) — Os ministros da Informação dos países não-alinhados, reunidos em Nova Deli para examinar a possibilidade de cooperação entre as agências de informação elegeram um «bureau» de 12 membros para examinar os processos de troca das informações entre essas agências. O «bureau» da conferência, que tem como presidente M.V.C. Shukla, ministro indiano da Informação e da Radio-difusão, é composto pela Índia, Jugoslávia, Perú e Zaire. O relator é o representante iraquiano. A sessão de ontem à noite foi consagrada à fixação da ordem do dia da conferência à qual assistiram cerca de 300 delegados dos países não-alinhados da Ásia, África e América Latina.

AMNISTIA NA TANZÂNIA

DAR-ES-SALAM (AFP) — O Presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, anunciou a próxima libertação de 8974 presos amnistiados por ocasião do 24.º aniversário da fundação do Partido no poder, o TANU. Esta medida de amnistia é para os presos, aos quais faltam menos de seis meses para cumprir a pena, ou para os que têm tido uma boa conduta. Serão igualmente libertados os doentes, e os velhos que não podem dar nenhum trabalho produtivo na prisão.

REPRESSÃO NA ARGENTINA

BUENOS AIRES — O Presidente Jorden Videla anunciou que o seu governo iria eliminar a «subversão» de todos os domínios da vida nacional, indo da imprensa aos sindicatos. O chefe de estado argentino deu conta deste projecto aos seus compatriotas num discurso televisado, durante um banquete, que reuniu cerca de 500 oficiais superiores. «As actividades anti-nacionais e que suscitam divisões não serão toleradas no domínio cultural, na imprensa, na economia, na vida política e sindicais», disse.